

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal de Brasília

Class.: DINRO064

Data: 17 de abril de 1984

Pg.: \_\_\_\_\_

### 190 Os índios na visão dos brancos

O JSC publicou na edição de 15/16 de abril p.p. uma matéria sobre o resultado de uma pesquisa que alunos do magistério fizeram junto aos índios Xokleng "num diálogo franco e simples".

Aplaudimos essa iniciativa. Pois a ignorância, o desinteresse pelos povos indígenas e sua discriminação são sintomáticos para uma sociedade que exterminou 5 milhões de índios durante o processo de conquista do solo brasileiro no espaço de cinco séculos.

Nos livros didáticos não se fala com clareza desse lado triste da nossa história. Por isso as gerações nos tempos de hoje continuam com idéias discriminatórias e vêem os índios com o mesmo desprezo que os nossos antepassados quando enfrentaram os "bugres" como bichos do mato que podiam ser caçados e eliminados sem os mínimos escrúpulos.

A pesquisa dos estudantes revelou entre outros aspectos os seguintes: "Os índios da reserva vivem em péssimas condições mas isso porque eles querem, pois quase todos apresentam boa saúde e condições físicas, sendo que não trabalham por mero comodismo ou melhor dizendo, preguiça"...

"São poucos os índios que têm condições de criar uma minifazenda, criam gado para o consumo de leite; suínos e galinhas para obterem carne e ovos. A criação é muito rudimentar, sem maiores recursos e há muita falta de interesse por parte dos índios".

Estas colocações apenas confirmam os clichês que a "sociedade civilizada"

já sempre tinha do índio: o índio é ignorante, preguiçoso e tem falta de interesse pelo progresso. Dessa forma impõe-se ao índio um comportamento que ele originalmente não tinha. Antes dos contatos com a nossa civilização o índio vivia numa sociedade intacta. Em termos de saúde, alimentação e cultura, houve estruturas bem delineadas, e uma auto-suficiência em todos os sentidos caracterizava as sociedades indígenas. Os problemas vieram com os brancos.

Eles trouxeram inovações, impuseram suas condições de vida e espalharam doenças, alcoolismo, prostituição e morte.

Com que direito podemos chamar os índios de preguiçosos, desinteressados, pingüços ou seja lá que termos se usa para expressar o nosso desprezo? O que fizemos para pagar as nossas dívidas junto aos povos indígenas? Ou, o que fazemos para que eles tenham chances de sobrevivência?

Temos um órgão do governo, a Funai, que, de acordo com a Lei nº 6.001 de 19 de dezembro de 1973, deve defender os direitos dos índios. Quem lê jornal não precisa ser informado: a Funai é, no mínimo, um órgão tutelar omissivo. Gasta-se rios de dinheiro para manter a estrutura administrativa, mas a causa indígena está passando muito mal. De acordo com a Folha de São Paulo de 22/12/83, o orçamento da Funai referente ao exercício de 1984 é de 16 bilhões de cruzeiros. Dessa importância 87,5% (!), ou seja, 14 bilhões são destinados para despesas de administração.

Sem entrar em detalhes para interpretar esse absurdo, constatamos que os índios são, de fato, mal aconselha-

Pastor Friedrich Gierus ★

dos, sem apoio, sem direitos efetivos, vítimas de discriminações, de exploração e de ignorância por uma sociedade que se acha civilizada e, sobretudo, cristã. No suplemento infantil do JSC (15/16 de abril de 1984) é publicada uma lenda de Theobaldo Miranda Santos com o título: "A Semente de Sacaiibu".

A estória começa assim: "Há muitos anos, os índios viviam em grande atraso. Não sabiam cultivar a terra, nem domesticar animais. Nunca tinha visto tecer ou fiar. Não construíam malocas. Habitavam em cavernas ou no alto das árvores. Pareciam animais selvagens". O contato desses índios com os brancos se deu diferente do que na história: O cacique, Sacaiibu, pede "ao povo adiantado, forte e bem organizado" para que ajudassem aos índios. Eles recebem ajuda. Diz a estória: "Os moradores do vale eram também generosos e prestativos. E, atendendo ao pedido de Sacaiibu, subiram pelas cordas e foram auxiliar os índios a cultivar suas terras".

Apesar do paternalismo que a estória apresenta — aparece também nitidamente o clichê já conhecido: O branco é bem organizado, generoso, prático; o índio porém é atrasado e ignorante que nem animal selvagem — apesar desse traço negativo fica a mensagem que os moradores do vale ajudaram. Perguntamos: Quem sobe hoje "pelas cordas e auxilia os índios"?

\* O pastor Friedrich Gierus é o presidente do Conselho de Missão entre Índios, da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil.